

Mediunidade:

a base é o médium
“receber e transmitir”?



Paulo Neto

Mediunidade:

a base é o médium

“receber e transmitir”?

(Versão 2)

“Sem dúvida, errado ou com razão, pode-se sempre replicar, pois há pessoas com as quais não se tem nunca a última palavra.”

(ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2025 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa (colorizada por IA):

Imagem original extraída do capítulo “Incorporação” da obra *Estudando a Mediunidade*, de autoria do escritor Martins Peralva, colorizada pela IA Copilot.

Revisão:

Artur Felipe Ferreira

Fernando Luís Costa Lemos

Francisco Rebouças

Hugo Alvarenga Novaes

Júlio César Moreira da Silva

Thiago Toscano Ferrari

Diagramação:

Paulo Neto

site: <https://paulosnetos.net>

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, outubro/2025.

Agradecimentos

Agradecemos aos amigos

Artur Felipe Ferreira

Ari Vilela

Felipe Lúcio da Silva Neto

Francisco Rebouças

Júlio César Moreira da Silva

Shirley de Siqueira

Thiago Toscano Ferrari

pela avaliação e sugestões ao presente ebook.

Sumário

Prefácio.....	5
Introdução.....	11
A origem da expressão “ <i>recebe e transmite</i> ”.....	15
Origem da expressão “ <i>mente a mente</i> ”.....	19
Fatos que comprovam que nem toda ocorrência mediúnica tem como base o “ <i>mente a mente</i> ”.....	24
O que consta nas obras da Codificação e posteriores.....	34
A hipótese de que a mediunidade ocorra exclusivamente pela ligação “ <i>mente a mente</i> ” é factível.....	69
Classificação dos fenômenos mediúnicos.....	89
O papel do ectoplasma.....	94
Conclusão.....	101
Referências bibliográficas.....	106
Dados biográficos do autor.....	110

Prefácio

Nos dias atuais, principalmente com a expansão praticamente desenfreada de informações equivocadas concernentes à Doutrina Espírita, as redes sociais, em seu aspecto negativo, fazem esse papel com relativa maestria, distorcendo as bases doutrinárias

Conceitos errôneos, desvios doutrinários, práticas estranhas e outros equívocos não condizentes com a lógica, razão e bom-senso que preconizava Allan Kardec, constituem falácias muitas vezes recebidas como verdades incontestáveis.

Paulo Neto, com todo o seu discernimento, pesquisa bibliográfica abrangente e raciocínio lógico, percorre magistralmente todos os registros contidos nas obras da codificação espírita, bem como em outros autores cujo trabalho deram continuidade ao pensamento kardequiano, para que possamos utilizar algumas ferramentas primordiais: pensar, refletir, raciocinar, deduzir etc. Este método de

trabalho, presente em todos os seus livros e artigos, procura desconstruir aquilo que se propaga nas mídias de modo enviesado.

No presente trabalho, ao analisar a complexidade dos fenômenos mediúnicos, o autor demonstra que o processo de transmissão e recepção mediúnica não pode ser regra geral e absoluta nas diversas comunicações, o sistema “*mente a mente*”, ou seja, o pensamento do espírito comunicante sendo recebido pela mente do médium.

Utilizando-se das próprias obras de Allan Kardec, como, por exemplo, *O Livro dos Médiuns*, o autor, detalhadamente, com seu rigor lógico, demonstra a não generalização do conceito de transmissão e recepção.

Aliás, em se tratando da leitura das obras básicas, muitos espíritas, infelizmente, não se dão ao trabalho de estudá-las, não sendo, somente, *O Livro dos Espíritos* ou *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (geralmente os únicos que muitos centros espíritas utilizam em seus trabalhos semanais) que se devem lê-los, interpretá-los etc., porém *O Livro dos Médiuns*,

O Céu e o Inferno, A Gênese, O que é o Espiritismo, Obras Póstumas, a coletânea, em 12 volumes (1858 - 1869) da *Revista Espírita*, que formam um conjunto bastante estruturado para abarcarmos toda a questão filosófica, científica e religiosa que a Doutrina Espírita nos oferece.

Podemos citar um exemplo contido em *O Livro dos Médiuns* (1861), em que Kardec nos orienta quanto ao método para adquirir as noções preliminares pela leitura, da seguinte sequência:

1º **O que é o Espiritismo?** Esta brochura, de uma centena de páginas somente, contém sumária exposição dos princípios da Doutrina Espírita, um apanhado geral desta, permitindo ao leitor apreender-lhe o conjunto dentro de um quadro restrito. Em poucas palavras ele lhe percebe o objetivo e pode julgar do seu alcance. Aí se encontram, além disso, respostas às principais questões ou objeções que os novatos se sentem naturalmente propensos a fazer. Esta primeira leitura, que muito pouco tempo consome, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

2º **O Livro dos Espíritos.** Contém a doutrina completa, como a ditaram os

próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas consequências morais. É a revelação do destino do homem, a iniciação no conhecimento da natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além-túmulo. Quem o lê compreende que o Espiritismo objetiva um fim sério, que não constitui frívolo passatempo.

3º **O Livro dos Médiuns**. Destina-se a guiar os que queiram entregar-se à prática das manifestações, dando-lhes conhecimento dos meios próprios para se comunicarem com os Espíritos. É um guia, tanto para os médiuns, como para os evocadores, e o complemento de *O Livro dos Espíritos*.

4º A **Revista Espírita**. Variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos isolados, que completam o que se encontra nas duas obras precedentes, formando-lhes, de certo modo, a aplicação. Sua leitura pode fazer-se simultaneamente com a daquelas obras, porém, mais proveitosa será, e, sobretudo, mais inteligível, se for feita depois de *O Livro dos Espíritos*.

Para tanto, é necessário um esforço intelectual muito considerável, o que demanda anos e anos de estudo sistematizado, algo em que o autor é exemplo insofismável, muito diferente de vários

autores, praticamente enquadrados na categoria de pseudossábios, que desviam, sobremaneira, os princípios fundamentais do Espiritismo, considerando suas próprias interpretações que possam satisfazer seus egos, a ponto de proporem uma “*atualização do Espiritismo*”.

No dizer de Camille Flammarion (1842–1925), “*porque o Espiritismo é uma ciência da qual conhecemos apenas o A B C*”, ou seja, ainda estamos longe de compreender todas as nuances e detalhes doutrinários, sem o estudo constante e sistematizado.

A busca realizada pelo autor de referenciais bibliográficos cujos escritores não são espíritas, mas apresentam fatos que corroboram com o Espiritismo, é notória. Citemos o exemplo de Russell Norman Champlin (1933–2018), bacharel em Literatura Bíblica no Immanuel College; em línguas Clássicas na Universidade de Utah; pós-graduado em Novo Testamento na Universidade de Chicago. Foi professor universitário no Brasil por mais de 30 anos na Universidade Estadual Paulista – UNESP. Entre as brilhantes obras, temos *O Antigo Testamento* e *O*

Novo Testamento Interpretados Versículo por Versículo e Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia.

Apesar de suas obras serem lidas pelo ramo protestante, Champlin propõe alternativas de interpretação de várias passagens bíblicas, como, por exemplo: “*as Escrituras comprovam a realidade do mundo dos espíritos, que tanto podem ser maus quanto bons*”, excluindo a ideia errônea dos demônios, e outras que citam a reencarnação, como no caso da pergunta feita a Jesus por seus discípulos a respeito do cego de nascença.

Assim, caro leitor, temos à disposição mais uma obra para estudos e que indubitavelmente agradará a todos que desejam buscar os fatos sem opiniões pessoais ou parcialidade (que são nocivas ao movimento espírita).

Fernando Luís Costa Lemos

Guariba (SP), 16 de outubro de 2025.

Introdução

A mediunidade é frequentemente descrita como um processo pelo qual o médium “*recebe e transmite*” o pensamento dos Espíritos – uma dinâmica que, em essência, estaria vinculada à interação “*mente a mente*”.

Embora essa concepção explique muitos casos de manifestação espiritual, ela não nos parece suficiente para contemplar a ampla e complexa diversidade dos fenômenos relacionados à transmissão dos pensamentos dos Espíritos.

Entendemos que, em diversas situações, o médium não atua como receptor e transmissor do pensamento dos Espíritos, podendo sua participação se restringir à doação de fluidos – como o ectoplasma – ou, em casos mais específicos, à cessão temporária do corpo físico.

Com esta pesquisa, temos a intenção de provocar uma reflexão sobre os diferentes tipos de

mediunidade, demonstrando que expressões como “*recebe e transmite*” ou “*mente a mente*” não se aplicam universalmente.

Com base na análise de *O Livro dos Médiuns* e da evolução do pensamento espírita, observamos que há fenômenos de efeitos inteligentes em que o Espírito comunicante atua diretamente por meio do corpo do médium, sem recorrer à mente deste para expressar seu pensamento.

Outras fontes pós-Codificação corroboram essa realidade, ampliando, assim, as evidências de que nem todo fenômeno mediúnico se fundamenta na comunicação “*mente a mente*”, como muitos confrades supõem.

Aliás, alguns desses confrades defendem suas ideias com veemência, por vezes ultrapassando os limites de uma discussão salutar e adotando posturas marcadas por desqualificações verbais e evidente desconsideração pelo pensamento divergente.

A mediunidade, enquanto faculdade humana de interação com o plano espiritual, não se limita a

fórmulas prontas ou definições simplistas. A expressão “*receber e transmitir*”, embora útil em determinados contextos, pode induzir à ideia de um processo linear e consciente, o que não corresponde à totalidade dos fenômenos observados.

É preciso considerar que o médium, em muitos casos, atua como um agente passivo, cuja contribuição se dá por meio de recursos fluídicos, sem que haja qualquer elaboração mental da mensagem transmitida. Essa realidade nos convida a abandonar modelos reducionistas e a adotar uma abordagem mais abrangente, que contemple a diversidade dos mecanismos mediúnicos.

A Doutrina Espírita, em sua proposta de estudo racional e progressivo, nos oferece ferramentas para essa análise. O próprio Allan Kardec (1804-1869), ao sistematizar os fenômenos, deixou claro que o Espiritismo não é dogmático, mas sim investigativo, abrindo espaço para o aprofundamento contínuo das questões espirituais.

A leitura das obras da Codificação Espírita revela que o Codificador não pretendia encerrar o

debate sobre os fenômenos mediúnicos, mas sim inaugurá-lo. Sua postura crítica e aberta ao contrário é um convite permanente à reflexão. Como ele mesmo afirmou: “Não aceito nada sem exame e sem controle”.

Infelizmente, parte do movimento espírita contemporâneo tende a cristalizar conceitos, tratando certas interpretações como verdades absolutas. Isso se reflete na resistência à ideia de possessão espiritual literal, por exemplo, ou na insistência de que toda comunicação se dá exclusivamente “*mente a mente*”.

Este trabalho, portanto, não busca impor uma nova verdade, mas sim ampliar o campo de visão. Ao reunir referências da Codificação, de autores pós-kardequianos e até de estudiosos não espíritas, propomos um diálogo honesto e fundamentado que respeita a pluralidade de pensamentos e valoriza o estudo sério como caminho para o discernimento.

A origem da expressão “recebe e transmite”

Devemos essa informação ao professor Ricardo Malta, advogado e palestrante, que nos indicou a questão 9-a do item 223 do capítulo “XIX – O papel do médium nas comunicações espíritas”, de **O Livro dos Médiuns**. Nessa passagem, Allan Kardec transcreve a resposta dos Espíritos que tem gerado diversas interpretações. É importante também mencionar a questão 9, uma vez que a 9-a é um desdobramento dela:

9. Compreende-se que seja assim quando se trata dos médiuns intuitivos; não, porém, quando se trata dos médiuns mecânicos.

“É que não percebestes exatamente o papel que o médium desempenha. Existe aí uma lei que ainda vos escapa. Lembrai-vos de que, **para produzir o movimento de um corpo inerte, o Espírito precisa utilizar-se de uma parcela de fluido animalizado, que toma ao médium, para animar momentaneamente a**

mesa, a fim de que esta lhe obedeça à vontade. Pois bem: compreendei igualmente que, para uma comunicação inteligente, ele precisa de um intermediário inteligente, e esse intermediário é o Espírito do médium.”

9-a. Isto não parece aplicar-se às mesas falantes, pois quando objetos inertes, como mesas, pranchetas e cestas dão respostas inteligentes, **presume-se que o Espírito do médium não tenha nenhuma participação no fato.**

“**É um erro.** O Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida artificial momentânea, mas não lhe pode dar inteligência. Jamais um corpo inerte foi inteligente. **É, pois, o Espírito do médium que, mesmo sem o saber, recebe e transmite o pensamento,** sucessivamente, com o auxílio de diversos intermediários.” ⁽¹⁾ (Nas transcrições e no texto normal, todos os grifos em negrito são nossos; quando não forem, avisaremos.)

A parcela do fluido animalizado que o Espírito toma do médium para animar um corpo inerte é justamente o que designamos por ectoplasma, substância que desempenha papel fundamental nos fenômenos de efeitos físicos. Nesses casos, a ação

do comunicante é direcionada ao objeto e, portanto, não envolve a transmissão mental de seus pensamentos.

A afirmação de que o médium “recebe e transmite” (questão 9-a) surge em resposta à dúvida sobre os fenômenos chamados de mesas girantes – objetos inertes que, por meio de pancadas ou movimentos, parecem responder inteligentemente às perguntas formuladas. Como, nesse caso, o médium não participa intelectualmente do fenômeno, naturalmente nos surge a seguinte pergunta: como pode ele “*receber e transmitir*” o pensamento do Espírito manifestante?

Julgamos que a chave está na compreensão de que essa transmissão não é necessariamente telepática ou consciente. Nesse caso específico – manifestações de efeitos físicos – trata-se, efetivamente, de uma transmissão fluídica, em que o Espírito do médium atua como uma espécie de ponte energética, sem participação consciente ou intelectual.

Compreendemos que o pensamento do Espírito

comunicante, em vez de ser transmitido ao médium, é direcionado diretamente ao objeto físico, com o propósito de provocar a sua movimentação. Tal efeito ocorre mediante o uso do fluido vital do médium – ou seja, o ectoplasma.

Citaremos, no momento próprio, passagens de *O Livro dos Médiuns*, cujo teor, a nosso ver, contradiz a ideia contida na questão 9-a do item 223.

E, já adiantando, trazemos o seguinte trecho do “Discurso do encerramento do ano social de 1858-1859” de Allan Kardec, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de julho:

[...] **não aceito nada sem exame** e sem controle; **não adoto uma ideia senão** se ela me parece racional, lógica e está de acordo com os fatos e as observações, **se nada sério vem contradizê-la. Mas meu julgamento não poderia ser um critério infalível**; [...]. (²)

Ainda que o Codificador não se tenha colocado como infalível, no meio espírita é significativa a parcela de adeptos que o têm como tal.

Origem da expressão “*mente a mente*”

Para início de abordagem, apresentaremos uma imagem ilustrativa – intitulamos: “Psicofonia consciente” – extraída na obra *Estudando a Mediunidade* e posteriormente colorizada, que representa de forma didática o processo do fenômeno mediúnico segundo a concepção “*mente a mente*” ⁽³⁾:



Na obra ***Nos Domínios da Mediunidade*** (1955), psicografada pelo médium Chico Xavier (1910-2002), no capítulo “1 - Estudando a mediunidade”, temos uma preleção conduzida pelo instrutor Albério, na qual discorre sobre os fundamentos da mediunidade. Transcrevemos o seguinte trecho de suas explicações:

- Meus amigos - falou, com segurança -, dando continuidade aos estudos anteriores, precisamos considerar que **a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos.**

Um pouco mais adiante, reforça:

Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expressem, é imprescindível enriquecer o pensamento, [...]. ⁽⁴⁾

É bem provável que o Instrutor espiritual esteja se referindo à mente do Espírito desencarnado como ponto de partida da manifestação mediúnica - o que não implica, necessariamente, que haja uma ligação mental direta entre ele e o médium durante o

fenômeno.

De nossa parte, não há dúvida alguma de que, de fato, a mente é a base de todas as manifestações mediúnicas, porquanto é um ser inteligente que as produz. Entretanto, disso jamais se deveria concluir que todas ocorram “*mente a mente*”, por se tratar de coisas bem distintas entre si.

Como veremos mais adiante, ao abordamos os casos de possessão e obsessão com base a obra *A Gênese*, ficará evidente a atuação direta do Espírito sobre o corpo do médium, ou, conforme a situação, sobre o obsidiado – casos em que não há transmissão “*mente a mente*”. Por isso, consideramos um exagero afirmar, de forma absoluta, que todas as manifestações mediúnicas se fundamentam na interação “*mente a mente*”.

A imagem a seguir ⁽⁵⁾ contribuirá significativamente para que façamos a necessária distinção entre as expressões “*produzido pela mente*” e “*mente a mente*”, que, conforme nosso entendimento, representam conceitos substancialmente distintos.



Presumimos que a ideia do instrutor Albério possa estar retificada em outra passagem, constante no capítulo “5 - Assimilação de correntes mentais”, onde o assistente Áulus não apresenta o fenômeno de forma tão abrangente:

Nosso orientador, atento aos objetivos de

nossa permanência na casa, chamou-me a novas observações:

- Repararam na comunhão entre Clementino e Silva, no momento da prece?

E, ante a nossa expectativa de aprendizes, continuou:

- Vimos aqui **o fenômeno da perfeita assimilação de correntes mentais que preside habitualmente a quase todos os fatos mediúnicos**. Para clareza de raciocínio, comparemos a organização de Silva, nosso companheiro encarnado, a um aparelho receptor, quais os que conhecemos na Terra, nos domínios da radiofonia. A emissão mental de Clementino, condensando-lhe o pensamento e a vontade, envolve Raul Silva em profusão de raios que lhe alcançam o campo interior, primeiramente pelos poros, que são miríades de antenas sobre as quais essa emissão adquire o aspecto de impressões fracas e indecisas. [...]. ⁽⁶⁾

Esse “quase” parece-nos ser, como se diz, o pulo do gato. Por meio dele, entendemos que a possibilidade de ocorrer fenômeno mediúnico sem transmissão de pensamento é válida - e não contradiz o que foi exposto anteriormente nessa obra sobre o assunto.

Fatos que comprovam que nem toda ocorrência mediúnica tem como base o “*mente a mente*”

Pode ser que nem todos os nossos leitores tenham conhecimento; por isso, informamos que, no Novo Testamento, são narrados vários casos de “possessão”. Um bom exemplo, é o trecho da passagem de Lucas 8,26-33 (ver também Mateus 8,28-34 e Marcos 5,1-20),



Jesus exorcizando o geraseno

transcrito da ***Bíblia de Jerusalém***, que narra o caso do endemoninhado geraseno (⁷):

*“Navegaram em direção à região dos gerasenos, que está do lado contrário da Galileia. Ao pisarem terra firme, veio ao seu encontro um homem da cidade, **posseído de***

demônios. *Havia muito que andava sem roupas e não habitava em casa alguma, mas em sepulturas. Logo que viu a Jesus começou a gritar, caiu-lhe aos pés e disse em alta voz: ‘Que queres de mim, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes’. Jesus, com efeito, ordenava ao espírito impuro que saísse do homem, pois se apossava dele com frequência. **Para guardá-lo, prendiam-no com grilhões e algemas, mas ele arrebatava as correntes** e era impelido pelo demônio para os lugares desertos. [...]”* (8).

O que sempre nos intrigou foi o fato de os familiares prenderem o endemoninhado com correntes, que ele conseguia arrebatá-las. Isso demonstra que ele “adquiria uma força descomunal” quando influenciado – algo pouco provável, caso a base de tal fenômeno fosse realmente uma ligação “mente a mente”, como muitos advogam.

O enciclopedista Russell Norman Champlin (1933-2018), professor universitário por mais de 30 anos, em **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1** (1982), ao explicar esse episódio segundo a versão de Marcos

5,2, na qual consta “um espírito mau”, estabelece uma relação com o termo “*demônios*”, sobre os quais, a certa altura, nos informa:

Do princípio ao fim as Escrituras comprovam a realidade do mundo dos espíritos, que tanto podem ser maus quanto bons. Os espíritos, tanto os bons quanto os maus, são apresentados como extremamente numerosos (ver Efé 1;21; 6;12; Col. 1;16 e Marc. 5;9). ***Os espíritos malignos têm influência sobre os homens, e procuram ocupar os seus corpos*** (ver Marc. 5;8 e Mat 12;43,44). São imundos (o que significa que tornam o indivíduo incapaz de entrar em contato com Deus, com o culto ao Senhor e com a adoração). [...].

[...].

Era ponto teológico comum, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), que ***os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de mortos partidos deste mundo***, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6.3). Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença. Alguns dos pais da Igreja também aceitavam essa ideia, tais como Justino

Mártir (150 D.C. e Atenágoras. ⁽⁹⁾) (itálico do original)

É bastante interessante a informação de que, na Antiguidade, já se acreditava que os demônios (Espíritos maus) eram *“capazes de possuir e controlar um corpo vivo”*.

Na Codificação, também encontramos registros sobre pessoas possessas que agiram com força semelhante à mencionada na narrativa bíblica.

1º) Artigo “Novos detalhes sobre os processos de Morzine”, publicado na **Revista Espírita 1864**, mês de agosto, do qual transcrevemos:

“As possessas, em número em torno de setenta, com um único jovem ⁽¹⁰⁾, juravam, rugiam, saltando em todos os sentidos; isso durou várias horas, e quando o prelado quis proceder à confirmação, sua fúria redobrou, se é possível; **deveu-se arrastá-los junto ao altar; sete, oito homens deveram várias vezes reunir seus esforços para vencer a resistência de algumas; os soldados lhes deram mão forte. O bispo deveria partir às quatro horas; às sete da noite ele estava ainda na igreja, onde não se lhe podia conseguir mais**

lhe conduzir três doentes; **chegou-se a lhe arrastar duas ofegantes**, a espuma à boca, a blasfêmia nos lábios até os pés do prelado. **A última resistiu a todos os esforços**; o bispo, batido pela fadiga e emoção, deveu renunciar a lhe impor as mãos; saiu da igreja, tremendo, transtornado, as pernas cobertas de contusões recebidas dos possesores enquanto que se debatiam sob sua bênção.”
(¹¹)

2º) Artigo “Nova cura de uma jovem obsidiada de Marmande”, que trata da carta do Sr. Dombre, inserido na **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, no qual destacamos o seguinte trecho:

Desde os primeiros dias de setembro de 1864, não eram motivo de questão, em certo quarteirão da cidade, **as crises convulsivas** experimentadas por **uma jovem, Valentine Laurent, com a idade de treze anos**. Essas crises, que se renovavam várias vezes por dia, **eram de uma violência tal que cinco homens tomando-a pela cabeça, os braços e as pernas, tinham dificuldade para mantê-la em sua cama**. Ela achava bastante força para agitá-los, e algumas vezes mesmo se libertar de seus

constrangimentos. Então suas mãos se agarravam em tudo; as camisas, as roupas, os cobertores da cama eram prontamente dilacerados; seus dentes também desempenhavam um papel muito ativo em seus furores, dos quais temiam com razão as pessoas que a cercavam. **Se não fosse mantida, ela quebraria a cabeça contra as paredes,** e apesar de todos os esforços e as precauções, não se isentou de rasgões e de contusões. ⁽¹²⁾

3º) Artigo “Os Espíritos na Espanha – Cura de um obsidiado em Barcelona”, constante da **Revista Espírita 1865**, mês de junho, do qual ressaltamos:

Rose N..., casada em 1850, foi atingida, poucos dias após seu casamento, por **ataques espasmódicos** que se repetiam muito frequentemente e com violência, enquanto esteve grávida. Durante sua gravidez ela não sentiu nada, mas depois do parto os mesmos acidentes se renovaram; as crises, **frequentemente, duravam três ou quatro horas, durante as quais ela fazia todas as espécies de extravagâncias,** e **três ou quatro pessoas bastavam com dificuldade para contê-la.** Entre os médicos que foram chamados, uns diziam que era um mal nervoso, os outros que era loucura. O

mesmo fenômeno se renovava a cada gravidez; quer dizer que os acidentes cessavam durante a gestação e recomeçavam depois do parto. ⁽¹³⁾

Julgamos que, para se alcançar essa “força descomunal” – a ponto de ser necessário, não dois, mas três, quatro... ou até oito homens para a conter a vítima – é preciso que o obsessor exerça domínio completo sobre o corpo dela.

Com base em nossa experiência em casos dessa natureza, isso só ocorre por meio da possessão em sentido literal, ou seja, com o Espírito agindo diretamente no interior do corpo da pessoa encarnada.

Temos plena consciência de que, dentro do movimento espírita brasileiro, esse nosso pensamento é visto como se fosse uma heresia. Do site ***Portal do Espírito***, extraímos o seguinte trecho ilustrativo:

Existe a incorporação de Espíritos?

No sentido semântico do termo **não existe incorporação**, pois nenhum Espírito

conseguiria tomar o corpo de outra pessoa, assumindo o lugar da sua Alma. **O que ocorre é que o médium e o Espírito se comunicam de perispírito a perispírito, ou seja, mente a mente, dando a impressão de que o médium está incorporado.** Na mediunidade equilibrada, o médium tem um maior controle de sua faculdade e **o fenômeno mediúnico acontece mais a nível mental.** Nos processos obsessivos graves (doenças mórbidas causadas por Espíritos inferiores), onde a mediunidade está perturbada, podem ocorrer crises nervosas. **Observadores de pouco conhecimento podem achar que um Espírito mau apoderou-se do corpo do enfermo.** Foi esse fenômeno que deu origem às práticas de exorcismo. ⁽¹⁴⁾

Vemos nessa resposta um claro potencial de influenciar alguns confrades a se manterem firmes na crença de que não há posse física. Entretanto, em nossa pesquisa publicada no ebook **Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os**



Encarnados ⁽¹⁵⁾, fora as explicações contidas na própria Codificação, algumas serão citadas aqui, apresentamos especificamente no capítulo “Opiniões favoráveis à posse física”, os seguintes pesquisadores e estudiosos:

1º) **César Lombroso** (1835-1909), em *Hipnotismo e Mediunidade*;

2º) **Albert de Rochas** (1837-1914), em *As Vidas Sucessivas*;

3º) **Fredrich Myers** (1843-1901), em *A Personalidade Humana*;

4º) **Léon Denis** (1846-1927), em *Depois da Morte, Cristianismo e Espiritismo, No Invisível, Joanna D’Arc, Espíritos e Médiuns e Síntese Doutrinária - Prática do Espiritismo*;

5º) **Gabriel Delanne** (1857-1926), em *O Fenômeno Espírita*;

6º) **Ernesto Bozzano**, na nomografia “*Impressionantes Fenômenos de ‘Transfiguração’*”, conste de *A Morte e os Seus Mistérios*;

7º) **Gustave Geley** (1865-1924), em *Resumo*

da Doutrina Espírita;

8º) **Cairbar Schutel** (1868-1938), em *Médiuns e Mediunidade*;

9º) **António J. Freire** (1877-1958), em *Da Alma Humana*;

10º) **Hernani Guimarães Andrade** (1913-2003), em *Espírito, Perispírito e Alma*.

Essa lista de dez nomes contradiz a alegação de que “*observadores de pouco conhecimento podem achar que um Espírito mau apoderou-se do corpo do enfermo*”, conforme consta na resposta citada.

O que consta nas obras da Codificação e posteriores

Agora, nas obras da Codificação, veremos as explicações que sustentam a possibilidade de um Espírito agir diretamente sobre o corpo do encarnado, sem qualquer transmissão de pensamento.

Mas, antes, é necessário apresentar diversos trechos de **O Livro dos Médiuns** que contestam a ideia de que todo fenômeno mediúnico tenha como base o “*mente a mente*”, conforme sugerido de forma implícita na resposta à questão 9-a do item 223:

a) Capítulo “IV – Teoria das manifestações físicas”, item 74, as seguintes questões:

8. Como um Espírito pode mover um corpo sólido?

“Combinando uma parte do fluido universal com o fluido que se

desprende do médium, apropriado a produzir aquele efeito.”

9. *Será com os seus próprios braços, de certo modo solidificados, que os Espíritos levantam a mesa?*

“[...] Quando uma mesa se move sob vossas mãos, **o Espírito evocado vai extrair do fluido universal o que é necessário para lhe dar uma vida artificial**. Assim preparada, **o Espírito atrai a mesa e a move sob a influência do fluido que de si mesmo desprende, por efeito da sua vontade**. Quando a massa que deseja mover é muito pesada para ele, chama em seu auxílio outros Espíritos, cujas condições sejam idênticas às suas. Em virtude da sua natureza etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode atuar sobre a matéria grosseira, sem intermediário, isto é, sem o elemento que o liga à matéria. **Esse elemento, que constitui o que chamais perispírito, vos faculta a chave de todos os fenômenos espíritas de ordem material**. Creio que me expliquei com bastante clareza, para ser compreendido.”

11. *Todos os Espíritos são capazes de produzir fenômenos deste gênero?*

“Os Espíritos que produzem tais efeitos são sempre inferiores, e ainda

não se libertaram completamente de toda a influência material.”

13. Se bem compreendemos o que dissestes, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito tira desse fluido o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito e **é ainda por meio desse fluido que ele atua sobre a matéria inerte. É isso mesmo?**

“**Sim.** Vale dizer que ele anima a matéria de uma espécie de vida artificial; a matéria se anima da vida animal. A mesa que se move sob as vossas mãos, vive como animal; obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é o Espírito que a impele, como faz o homem com um fardo. Quando a mesa se eleva do solo, não é o Espírito que a levanta, com o esforço do seu braço: **é a própria mesa que, animada, obedece à impulsão que o Espírito lhe dá.**”

14. ***Qual o papel do médium nesse fenômeno?***

“Eu já disse que **o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal que o Espírito acumula. É necessária a união desses dois fluidos**, isto é, do fluido animalizado e do fluido universal para dar vida à mesa. Mas notai bem que essa vida é apenas momentânea; extingue-se com a ação e, às vezes, antes

que esta termine, logo que a quantidade de fluido deixa de ser suficiente para animá-la.”

15. *O Espírito pode atuar sem o concurso de um médium?*

“Pode atuar à revelia do médium. Isto significa que muitas pessoas servem de auxiliares aos Espíritos, para a produção de certos fenômenos, mesmo sem o saberem. **Os Espíritos extraem delas, como se extraíssem de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitam.** É por isso que **o concurso de um médium, tal como o entendeis, nem sempre é preciso**, principalmente no que se refere aos fenômenos espontâneos.”

17. *Qual a causa preponderante na produção desse fenômeno: o Espírito ou o fluido?*

“O Espírito é a causa, o fluido é o instrumento, mas ambos são necessários.”

18. *Nesse caso, que **papel desempenha a vontade do médium?***

“O de atrair os Espíritos e secundá-los no impulso que dão ao fluido.”

18-a. *A ação da vontade é sempre indispensável?*

“Ela aumenta a força, mas nem sempre é

necessária, já que **o movimento pode produzir-se contra essa vontade e mesmo à sua revelia**, o que comprova a existência de uma causa independente do médium.”

19. ***Por que nem todos podem produzir o mesmo efeito e nem todos os médiuns têm o mesmo poder?***

“Isto depende da organização e da maior ou menor facilidade com que se pode operar a combinação dos fluidos. Influi também a maior ou menor simpatia do médium para com os Espíritos que encontram nele a força fluídica necessária. Dá-se com esta força a mesma coisa que se dá com a força dos magnetizadores, que não é igual em todos. A esse respeito, há pessoas que são completamente refratárias; outras com as quais a combinação só se opera por um esforço de vontade da parte delas; outras, finalmente, com quem a combinação dos fluidos se efetua tão natural e facilmente, que nem mesmo se dão conta do fato, **servindo de instrumento sem o suspeitarem**, como já dissemos.” ⁽¹⁶⁾
(itálico do original)

b) Capítulo “IV – Teoria das Manifestações físicas”, item 75:

[...] Esse fluido condensado constitui o perispírito ou envoltório semimaterial do Espírito. No estado de encarnação, o

perispírito está unido à matéria do corpo; na erraticidade está livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito se acha mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim podemos dizer. **Em algumas pessoas, em razão de suas organizações, há uma espécie de emanção desse fluido, e é isso, propriamente falando, que constitui os médiuns de efeitos físicos. [...].** ⁽¹⁷⁾

c) Capítulo “IV – Teoria das manifestações físicas”, item 77:

Assim, **quando um objeto é posto em movimento, levantado ou atirado para o ar**, não é que o Espírito o agarre, empurre e suspenda, como faríamos com a nossa mão. **O Espírito o satura, por assim dizer, com o seu fluido, combinado com o fluido do médium**, e o objeto, momentaneamente vivificado desta maneira, age como o faria um ser vivo, com a diferença apenas de que, não tendo vontade própria, segue o impulso que lhe dá a vontade do Espírito. ⁽¹⁸⁾

d) Capítulo “V – Manifestações físicas espontâneas”, item 98, há uma explicação de Erasto sobre a teoria do fenômeno dos transportes e das manifestações físicas em geral, da qual destacamos os seguintes parágrafos:

“Para a obtenção de fenômenos desta ordem, **é indispensável que se disponha de médiuns a que chamarei sensitivos**, isto é, **dotados**, no mais alto grau, **das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade**, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns **lhes permite**, por meio de certas vibrações, **projetar abundantemente, em torno de si, o fluido animalizado que lhes é próprio**.

“As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram à menor impressão, a mais insignificante sensação; as que se deixam sensibilizar pela influência moral ou física, interna ou externa, são muito mais aptas a se tornarem excelentes médiuns para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. De fato, o sistema nervoso dessas pessoas as torna capazes para a produção destes diversos fenômenos, em razão de não dispor aquele sistema do envoltório refratário que o isola na maioria dos outros encarnados. Em consequência, com **um indivíduo de tal natureza e cujas demais faculdades não sejam hostis à mediunidade, facilmente se obterão os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos inteligentes e mesmo a suspensão no espaço da mais pesada matéria inerte**. Com mais forte razão ainda se obterão os

mesmos resultados se, em vez de um médium, pudermos contar com o auxílio de muitos outros, igualmente bem-dotados.

“Mas da produção de tais fenômenos à obtenção da variedade de transporte há grande distância, porque, neste caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, como ele ainda se vê na contingência de operar por meio de um único aparelho mediúnico, já que se torna impossível o concurso simultâneo de vários médiuns para a produção do mesmo fenômeno. Ao contrário, a presença de algumas pessoas antipáticas ao Espírito operador pode entrar radicalmente a sua ação. Além desses motivos que, como se vê, são importantes, deve-se acrescentar o fato de os transportes reclamarem sempre maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que só podem ser obtidos com médiuns superiormente dotados, com aqueles, em suma, cujo aparelho *eletromediúnico* ofereça melhores condições.

“Em geral, os fenômenos de transporte são e continuarão a ser extremamente raros. Não preciso demonstrar porque eles são e serão menos frequentes do que os outros fatos de tangibilidade; vós mesmos podeis deduzi-lo, com base no que afirmo. Aliás, esses fenômenos são de tal natureza que nem todos os médiuns são capazes de

produzi-los; direi mais: nem todos os Espíritos estão aptos a realizá-los. **Com efeito, é preciso que exista certa afinidade, certa analogia, certa semelhança entre o Espírito e o médium influenciado, capaz de permitir que a parte expansiva do fluido perispírico do encarnado se misture, se una, se combine com o fluido do Espírito que queira fazer um transporte.** Esta fusão deve ser tal que a força resultante dela se torne, por assim dizer, una, do mesmo modo que, agindo sobre o carvão, a corrente elétrica produz um só foco, uma só claridade. Por que essa união, essa fusão? – perguntareis. É que, para a produção de tais fenômenos, faz-se necessário que as propriedades essenciais do Espírito motor sejam aumentadas com algumas das propriedades do médium; é que **o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é atributo exclusivo do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele.** Só então ele pode, por meio de algumas propriedades do vosso ambiente, desconhecidas para vós, isolar, tornar invisíveis e fazer que se movam alguns objetos materiais e mesmo os encarnados. ⁽¹⁹⁾ (itálico do original)

Não temos a menor dúvida de que tudo o que

consta nos itens acima coloca a produção dos fenômenos de efeitos físicos fora da lógica do “*mente a mente*”. Nesses casos, a participação do médium não é intelectual, mas exclusivamente como doador do “*fluido vital*”, que entendemos ser o ectoplasma.

Estamos convencidos de que esse fato encontra respaldo no capítulo “XI – Sematologia e Tiptologia”, item 143 de **O Livro dos Médiuns**, onde lemos:

[...] Achamos que **a independência do médium** é perfeitamente comprovada pelas pancadas internas e, ainda melhor, **pelo imprevisto das respostas**, do que por todos os meios materiais. [...]. ⁽²⁰⁾

Fica claro, portanto, que o médium não atua por meio da sua mente; sua função é a de mero doador do ectoplasma.

Na **Revista Espírita 1863**, mês de julho, foi publicada uma mensagem assinada por Santo Agostinho. intitulada “Sobre as comunicações dos Espíritos”, sobre a qual o Codificador faz a seguinte

observação:

Esta comunicação foi obtida por **um jovem, médium sonâmbulo iletrado**. Foi-nos enviada pelo Sr. Dumas, negociante de Sétif, membro da Sociedade Espírita de Paris, que acrescenta que **o sujeito não conhecia o sentido da maioria das palavras**, e nos transmite o nome de dez pessoas notáveis que assistiam à sessão. **Os médiuns iletrados que têm comunicações acima de seu alcance intelectual são muito numerosos**. Vem-se de nos mostrar **uma página verdadeiramente notável, obtida em Lyon, por uma mulher que não sabia nem ler nem escrever, e não sabia uma palavra do que escreve**; seu marido, que não é quase mais forte, a decifra por intuição, durante a sessão, mas no dia seguinte isto lhe é impossível; as outras pessoas o leem sem muita dificuldade. Não está aí a aplicação desta palavra do Cristo: “Vossas mulheres e vossas filhas profetizarão, e farão prodígios?” **Não é um prodígio que de escrever, pintar, desenhar, fazer da música e da poesia quando não se o sabe?** Pedis sinais materiais? ei-los. Os incrédulos dirão que é um efeito da imaginação? Se isso fora, seria preciso convir que essas pessoas têm a imaginação na mão e não no cérebro. Ainda uma vez, **uma teoria não é boa senão**

com a condição de dar razão de todos os fatos; se um único fato vem contradizê-la, é que ela é falsa ou incompleta. ⁽²¹⁾

Como pode um médium iletrado escrever uma mensagem? A única forma que vislumbramos é por meio da “incorporação”, pela qual o Espírito comunicante, utilizando-se de corpo alheio, transmite diretamente seu pensamento, sem nenhuma intermediação intelectual do medianoiro.

Sim, o Codificador está coberto de razão ao afirmar que *“uma teoria não é boa senão quando consegue explicar todos os fatos”* – exatamente o que ocorre com a tese de que todo fenômeno mediúnico se dá *“mente a mente”*.

Vejamos este trecho da nota que Allan Kardec apresenta logo no início do artigo “Os adeuses”, publicado na **Revista Espírita 1867**, mês de outubro:

Entre as comunicações obtidas na última sessão da Sociedade, antes das férias, esta apresentou um caráter particular, que saiu da forma habitual. **Vários Espíritos**, daqueles que são assíduos às sessões, e

nela se manifestam algumas vezes, **vieram sucessivamente dirigir algumas palavras** aos membros da Sociedade antes de sua separação, **por intermédio do Sr. Morin**, em sonambulismo espontâneo. Era como um grupo de amigos vindo se despedir, e dar um testemunho de simpatia, no momento da partida. **A cada interlocutor que se apresentava, o intérprete mudava de tom, de postura, de expressão, de fisionomia, e pela linguagem se reconhecia o Espírito que falava antes que fosse nomeado; era bem ele que falava, servindo-se dos órgãos de um encarnado, e não seu pensamento traduzido, mais ou menos fielmente dado passando por um intermediário**; também a identidade era patente, e, salvo a semelhança física, tinha-se diante de si o Espírito como quando vivo. **Depois de cada alocução, o médium permanecia alguns minutos absorvido; era o tempo da substituição de um Espírito por um outro**; depois, retornando pouco a pouco a si, retomava a palavra num outro tom. [...]. ⁽²²⁾

Pela descrição, não nos resta dúvida de que o médium Sr. Morin foi alvo de uma possessão – ou melhor, de várias –, fenômeno que, no linguajar popular, costuma ser chamado de incorporação.

Além disso, essa ocorrência evidencia ainda mais que nem toda comunicação mediúnica se estabelece exclusivamente por meio da interação “*mente a mente*”.

Aliás, a própria explicação de Allan Kardec – ***“era bem ele que falava, servindo-se dos órgãos de um encarnado, e não seu pensamento traduzido, mais ou menos fielmente dado passando por um intermediário”*** – demonstra que o Espírito manifestante falava diretamente, utilizando-se dos órgãos físicos do médium, e não apenas transmitia seu pensamento para ser interpretado e repassado aos presentes.

Na **Revista Espírita 1869**, mês de fevereiro, Allan Kardec narra nova manifestação, ocorrida por meio do Sr. Morin, desta vez de um Espírito que não acreditava estar morto, mas sonhando:

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo Espírito veio se manifestar de novo, não pela escrita, mas pela palavra, **em se servindo do corpo do Sr. Morin**, em sonambulismo espontâneo. Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque **o médium tomou a**

sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade. [...].

Numa outra reunião, um Espírito deu sobre este fenômeno a comunicação seguinte:

Há aqui, uma substituição de pessoa, uma simulação. O Espírito encarnado recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inércia, quer dizer, a contemplação daquilo que se passa. **Ele está na posição de um homem que empresta momentaneamente a sua habitação,** e que assiste às diferentes cenas que se realizam com a ajuda de seus móveis. Se gosta mais de gozar da sua liberdade, ele o pode, a menos que não haja para ele utilidade em permanecer espectador.

Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreender a possibilidade deste fenômeno, então que sabeis que o Espírito pode se retirar com o seu perispírito mais ou menos longe de seu envoltório corpóreo. Quando esse fato ocorre sem que nenhum Espírito disto se aproveite para ocupar o lugar, há a catalepsia. **Quando um Espírito deseja para ali se colocar para agir, toma um instante a sua parte na encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse**

contato e restitui o movimento à máquina; mas os movimentos, a voz não são mais os mesmos, porque os fluidos perispirituais não afetam mais o sistema nervoso do mesmo modo que o verdadeiro ocupante.

Essa ocupação jamais pode ser definitiva; seria preciso, para isso, a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela não pode mesmo ser de longa duração, pela razão de que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a sua formação, não tem nele raízes, não estando modelado sobre esse corpo, não está apropriado ao desempenho dos órgãos; o Espírito intruso não está numa posição normal; ele é embaraçado em seus movimentos e é porque deixa essa veste emprestada desde que dela não tenha mais necessidade. ⁽²³⁾

Esse trecho com a descrição do comportamento do Sr. Morin, é bastante interessante: *“Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque o médium tomou a sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade.”* Não temos dúvida

de que, nesse tipo de comportamento, o Espírito manifestante não enviava transferência mental ao médium.

Em **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, no item 47, lemos:

Na possessão, **em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio**, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. [...].

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fora seu próprio corpo; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, age com seus braços como o faria se estivesse vivo. [...]. ⁽²⁴⁾

É, caro leitor, nessa obra – desconhecida por muitos confrades – Allan Kardec deixou consignada uma mudança significativa em seu pensamento sobre a possessão física, embora poucos se atentem para esse fato.

Se, conforme bem definido, “*o Espírito se serve dele (corpo do encarnado) como se fora seu próprio*”, então é o próprio desencarnado quem fala, utilizando-se do aparelho fonador da pessoa viva.

Da lista dos dez nomes favoráveis à posse física, mencionaremos três deles para se ter uma ideia dos argumentos que cada um apresenta.

1º) Em ***O Fenômeno Espírita*** (1893), **Gabriel Delanne**, falando sobre a incorporação, diz:

A mediunidade, pela pena, abrevia e simplifica as comunicações com os Espíritos; porém, há outro modo ainda mais expedito, por meio do qual **o Espírito se apodera dos órgãos do médium e conversa por sua boca, como o poderia fazer se ele próprio estivesse encarnado.** [...]. ⁽²⁵⁾

Levando-se em conta que, segundo Gabriel Delanne, “*o Espírito se apodera dos órgãos do médium e conversa por sua boca*” é difícil sustentar que tal fenômeno se dê exclusivamente por transmissão mental (“*mente a mente*”), sem recorrer

a uma interpretação que se afasta dos princípios doutrinários do Espiritismo.

Não temos dúvida de que, numa situação como essa, muitos julgarão se tratar apenas de psicofonia. De fato, é psicofonia – porém psicofonia por incorporação, se assim nos for permitido expressar.

2º) No capítulo “XIX – Transes e Incorporações” de **No Invisível** (1903), **Léon Denis**, um dos principais continuadores do Espiritismo após a morte de Allan Kardec, trata justamente desse assunto:

O estado de transe é esse grau de sono magnético que **permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal**, e à alma tornar a viver por um instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. [...].

[...].

No corpo do médium, momentaneamente abandonado, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações.

A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, **pode tomar**

o lugar do médium e servir-se de seu organismo material, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as pessoas presentes. ⁽²⁶⁾

Ora, se há substituição de Espírito, quem fala é o desencarnado quem se expressa pela boca do médium – não por meio transmissão de pensamentos, mas por ação direta sobre o organismo ao qual se incorporou.

3º) Em **Médiuns e Mediunidades** (1923), Cairbar Schutel – divulgador espírita de primeira linha – assim se expressa:

Na mediunidade falante verificam-se também casos de incorporação: **o Espírito do médium se afasta um tanto do seu organismo** para dar lugar a outro Espírito, que se utiliza do corpo. **Neste caso, há sempre inconsciência do médium**, porque ele cai em estado de transe.” ⁽²⁷⁾

O destaque nessa explicação de Cairbar Schutel é a afirmação de que “neste caso, há sempre inconsciência do médium”, comprovando

taxativamente não ocorrer a tese do “*mente a mente*”, advogada por muitos confrades.

Outro exemplo de fonte posterior à Codificação é o livro ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*** (1931), de autoria de **J. Arthur Findlay** (1883-1964), presidente da revista britânica *Psychic News*; líder espírita, orador, conferencista e pesquisador.

Dessa obra, destacamos o seguinte trecho de um diálogo com um habitante do mundo espiritual, por meio da mediunidade de John Campbell Sloan (1870-1951), na qual predominava o fenômeno de voz direta:

[...] Apaga-se a luz e todos se dão as mãos, formando uma cadeia, e assim permanecem até ao fim. Continua o cântico; ao primeiro hino, segue-se outro e, quando acaba o terceiro, já **Sloan está em transe profundo e nós o escutamos como que a resmungar**. Progressivamente, esse resmoneio se faz mais perceptível e ouvimos as palavras que se vão formando, indistintamente a princípio, depois, pouco a pouco, mais claramente articuladas, de modo a serem mais bem escutadas.

Afinal, “Whitefeather” (Pena Branca), o guia, anuncia com um brado a sua presença.

“Boa-noite, amigos, Whitefeather aqui agora, **o Espírito do médium fora do corpo e mim a dirigir**; mim ouvir perfeitamente, **mim pode fazer sua boca fala o que mim quer dizer**. Boa-noite todos.”

Essa, em regra, a sua saudação, a que respondemos: “Boa-noite Whitie”, e lhe exprimimos o prazer que experimentaríamos, se o ouvíssemos falar de novo. [...]. (28)

Temos aí, a comprovação categórica de que nem todo processo mediúnico é produto da chamada comunicação “*mente a mente*”.

Nesse caso, o afastamento do Espírito do médium de seu corpo favorecia ao Espírito manifestante “acoplar-se” a ele e utilizá-lo conforme suas necessidades. Encerrada a manifestação, o Espírito comunicante desconectava-se, permitindo ao médium reassumir o comando de seu próprio corpo.

Entretanto, a explicação oferecida pelo Espírito Gallacher aponta que certas manifestações não se

dão por meio de uma “incorporação”, no sentido literal, mas sim por uma ligação entre o Espírito e os órgãos do corpo do médium – no caso órgãos vocais, que ele utilizara durante o fenômeno:

P. – Quando controlais o médium e fazeis **uso de seus órgãos vocais**, que é o que realmente acontece? (**Isto se refere às manifestações pelo transe** e não à voz direta.)

R. – Estando controlado o médium, **se queremos falar pelos seus órgãos vocais, pomo-lo numa condição de inteira passividade.** E a condição em que ele vem a estar **no transe. Seu Espírito deixa o corpo por algum tempo e se coloca ao lado.** Uma vez nessa condição, podemos atuar-lhe sobre o laringe, as cordas vocais, a língua e os músculos da garganta. **Não operamos no seu interior, mas de pé atrás dele.** Podemos colocar-nos na condição do médium, ou afinados com ele, **mediante uma extensão que, quando movemos os nossos órgãos vocais, faz que os do médium semelhantemente se movam. Há um elo de conexão, etéreo ou físico,** podeis chamar-lhe de um modo ou doutro, que tem a mesma ação sobre os músculos do médium, que um diapasão sobre outro, desde que ambos estejam afinados no

mesmo tom. Trabalham assim harmônicas as duas sedes de órgãos vocais. **Não há aqui o caso das mensagens serem influenciadas pela mente do médium, porque esta de nenhum modo intervém na operação. Não trabalhamos através da sua mente, mas, diretamente, sobre seus órgãos vocais. Tudo o que vem a exteriorizar-se é tal qual saiu da mente do Espírito que o controla. A mente e o cérebro do médium são postos fora de ação, temporariamente,** e o Espírito que opera lhe controla os músculos dos órgãos vocais.

P. – O médium se acha ainda em transe. Onde tem estado o seu espírito, desde que o transe começou?

R. – **O iniciar-se o estado de transe quer dizer que o espírito do médium se retirou do seu corpo.** Neste instante, está precisamente à sua direita, não longe do corpo. ⁽²⁹⁾

Pelas explicações, fica bem claro que o processo mediúnico não se limita ao modelo de comunicação “*mente a mente*”, pois há situações em que o Espírito do médium se afasta do corpo físico, permitindo que o desencarnado utilizá-lo conforme as particularidades da manifestação.

De forma explícita, é afirmado que o Espírito comunicante não “entra” no corpo do médium, mas se posiciona “*de pé atrás dele*”. Observa-se, ainda, que essa explicação exclui qualquer participação intelectual do médium no fenômeno.

Se verdadeira essa informação – que, aliás, é original quanto ao seu teor, pois até hoje não encontramos outra semelhante – poderemos inferir que, quando ocorre a alteração da voz do médium em transe, nem sempre se trata de uma “incorporação” propriamente dita, mas sim de uma atuação externa, sutil e afinada, sobre os órgãos físicos do médium.

Trata-se de uma possibilidade que, além de conflitar com as explicações oferecidas pelo Codificador, ainda carece de confirmação por outras fontes confiáveis, condição necessária para que se possa alcançar o chamado Controle Universal do Ensino dos Espíritos.

Da série André Luiz, psicografada por Chico Xavier, julgamos oportuno destacar duas obras nas quais se encontram elementos que refutam a tese da

comunicação “mente a mente”.

A primeira dessas obras é **Missionários da Luz** (1945), na qual encontramos comentários sobre o fenômeno da incorporação (capítulo 16 – Incorporação). Transcreveremos abaixo um trecho que julgamos significativo:

Enquanto Alexandre ouvia em silêncio, o simpático colaborador prosseguiu, depois de ligeira pausa:

- Estimariamos receber a devida autorização para trazê-lo... **Poderia incorporar-se na organização mediúnica de nossa irmã** Otávia e fazer-se ouvir, de algum modo, diante dos amigos e familiares...

[...].

- Ouça, porém, meu amigo! - tornou Alexandre, sereno e enérgico - é indispensável que você medite sobre o acontecimento. **Lembre-se de que você vai utilizar um aparelho neuro-muscular que lhe não pertence.** Nossa amiga Otávia servirá de intermediária. No entanto, você não deve desconhecer as dificuldades de um médium para satisfazer a particularidades técnicas de identificação dos comunicantes, diante das exigências de nossos irmãos encarnados. Compreende

bem?

[...].

Terminada a oração e levado a efeito o equilíbrio vibratório do ambiente, com a cooperação de numerosos servidores de nosso plano, **Otávia foi cuidadosamente afastada do veículo físico, em sentido parcial, aproximando-se Dionísio, que também parcialmente começou a utilizar-se das possibilidades dela. Otávia mantinha-se a reduzida distância,** mas com poderes para retomar o corpo a qualquer momento num impulso próprio, guardando relativa consciência do que estava ocorrendo, **enquanto que Dionísio conseguia falar, de si mesmo, mobilizando, no entanto, potências que lhe não pertenciam e que deveria usar, cuidadosamente, sob o controle direto da proprietária legítima** e com a vigilância afetuosa de amigos e benfeitores, que lhe fiscalizavam a expressão com o olhar, de modo a mantê-lo em boa posição de equilíbrio emotivo. **Reconheci que o processo de incorporação comum era mais ou menos idêntico ao da enxertia da árvore frutífera.** A planta estranha revela suas características e oferece seus frutos particulares, mas a árvore enxertada não perde sua personalidade e prossegue operando em sua vitalidade própria. Ali também, **Dionísio era um elemento que aderira às faculdades de Otávia,**

utilizando-as na produção de valores espirituais que lhe eram característicos, mas naturalmente subordinado à médium, sem cujo crescimento mental, fortaleza e receptividade, não poderia o comunicante revelar os caracteres de si mesmo, perante os assistentes. Por isso mesmo, logicamente, não era possível isolar, por completo, a influência de Otávia, vigilante. A casa física era seu templo, que urgia defender contra qualquer expressão desequilibrante, e nenhum de nós, os desencarnados presentes, tinha o direito de exigir-lhe maior afastamento, porquanto lhe competia guardar as suas potências fisiológicas e preservá-las contra o mal, perto de nós outros, ou à distância de nossa assistência afetiva. ⁽³⁰⁾

O alerta a Dionísio é revelador: *“lembre-se de que você vai utilizar um aparelho neuro-muscular que não lhe pertence”*. Isso significa que a médium Otávia atuava como intermediária ao ceder seu corpo ao comunicante, e não como transmissora de pensamentos recebidos – como alguns poderiam interpretar equivocadamente.

Dez anos depois, foi publicado ***Nos Domínios da Mediunidade*** (1955), obra na qual encontramos

a seguinte narrativa envolvendo a médium Dona Celina:

A médium desvencilhou-se do corpo físico, como alguém que se entrega a sono profundo, e conduziu consigo a aura brilhante de que se coroava. [...].

A nobre senhora fitou o desesperado **visitante com manifesta simpatia e abriu-lhe os braços, auxiliando-o a senhorear o veículo físico**, então em sombra.

Qual se fora atraído por vigoroso ímã, **o sofredor arrojou-se sobre a organização física da médium**, colando-se a ela, instintivamente. [...].

A mediunidade falante em Celina era diversa?

[...].

- Celina - explicou, bondoso - é sonâmbula perfeita. **A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa**. A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos às entidades necessitadas de socorro e carinho, que não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, **perdendo provisoriamente o contacto**

com os centros motores da vida cerebral. Sua posição medianímica é de extrema passividade.

Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, **na exteriorização da própria personalidade.** Isso, porém, não indica que a nossa irmã deva estar ausente ou irresponsável. Junto do corpo que lhe pertence, **age na condição de mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprime qual se fora frágil protegido de sua bondade.** [...] É por essa razão que o hóspede experimenta com rigor o domínio afetuoso da missionária que lhe dispensa amparo assistencial. [...]. ⁽³¹⁾

É curioso que, embora essa obra seja frequentemente citada para sustentar a tese da comunicação “*mente a mente*”, ela também apresenta, com clareza, casos de incorporação plena – como o de Dona Celina – que contradizem tal interpretação.

Antes de finalizar este capítulo, acreditamos ser oportuno trazer novamente Léon Denis para destacar esta explicação constante do capítulo “XIX – Transes e Incorporações” da obra **No Invisível** (1903):

Indagam certos experimentadores: **o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? Ou opera ele antes, a distância, pela sugestão mental e pela transmissão de pensamento**, como o pode fazer um espírito exteriorizado do sensitivo?

Um exame atento dos fatos nos leva a crer que **essas duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos**. As citações que acabamos de fazer provam que **a incorporação pode ser real e completa**. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros entrarem em relação com Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição. É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal e sua estupefação atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a

reconhecer o seu engano. **Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito.**

Noutras circunstâncias, a teoria da transmissão à distância parece melhor explicar os fatos. As impressões oriundas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Ao lado de provas de identidade, que nenhuma hesitação permitem sobre a autenticidade do fenômeno e intervenção dos Espíritos, verificam-se, na linguagem do sensitivo em transe, expressões, construções de frases, um modo de pronunciar que lhe são habituais. **O Espírito parece projetar o pensamento no cérebro do médium,** onde adquire, de passagem, formas de linguagem familiares a este. A transmissão se efetua, em tal caso, no limite dos conhecimentos e aptidões do sensitivo, em termos vulgares ou escolhidos, conforme o seu grau de instrução. Daí também certas incoerências que se devem atribuir à imperfeição do instrumento.

Ao despertar, o Espírito do médium perde toda consciência das impressões recebidas no sentido de liberdade, do mesmo modo que não guardará o menor conhecimento do papel que seu corpo tenha desempenhado durante o transe. Os sentidos psíquicos, de que por um momento havia readquirido a posse, se extinguem de novo; a matéria estende o seu manto; a noite se produz;

toda recordação se desvanece. O médium desperta num estado de perturbação, que lentamente se dissipa. ⁽³²⁾

Neste ponto, tomando por base a opinião de Léon Denis – considerado o “sucessor” de Allan Kardec –, fica clara a existência de duas possibilidades distintas: a incorporação, em que o desencarnado assume, ainda que temporariamente, o corpo físico do encarnado; e a transmissão de pensamento, que confirma a comunicação “*mente a mente*”. Ambas são legítimas, mas nenhuma delas constitui regra absoluta para todos os casos.

Diante disso, compreendemos que o fenômeno mediúnico é multifacetado e não pode ser reduzido a uma única explicação. A incorporação e a transmissão de pensamento são mecanismos distintos, ambos legítimos e observáveis, mas que se manifestam conforme as condições fluídicas, morais e psíquicas do médium e do Espírito comunicante.

O estudo atendo das obras da Codificação, aliado às observações criteriosas de pesquisadores como Léon Denis, permite-nos ampliar a

compreensão sobre a complexidade das manifestações espirituais, sem dogmatismos ou reducionismos.

Que possamos, portanto, manter o espírito de investigação proposto por Allan Kardec, sempre atentos a diversidade dos fenômenos e à necessidade de submeter todo ensinamento ao crivo da razão, da lógica e da universalidade.

Não podemos encerrar este capítulo sem citar o livro *Possessão Espiritual* (1987), de Edith Fiore, psicóloga norte-americana conhecida por seu trabalho com regressão de memória. Nele a autora narra experiências realizadas com seus pacientes, submetendo-os a hipnose.

Edith Fiore defende essa hipótese e chega a informar que 70% dos mais de quinhentos pacientes estudados em sua pesquisa, eram de possessão ⁽³³⁾.

Tempos atrás, não sabemos precisar quando, tivemos a oportunidade de conversar com uma moça que havia tentado se suicidar pulando da laje de uma casa. Fomos visitá-la no hospital. Ela nos contou que não era a primeira vez: anteriormente, por duas

vezes, havia tentado tirar a própria vida cortando os próprios pulsos. Confessou que nunca desejou realizar tais atos, mas sentia-se compelida por uma “força” que a obrigava a agir contra a sua vontade.

Ao analisar esse caso, não conseguimos compreender como aplicar a tese do “*mente a mente*” – contrária à incorporação – como explicação para todas as manifestações. Isso porque a jovem, embora pressionada pelo Espírito, permanecia em plena consciência de si, ainda que incapaz de controlar o próprio corpo. A hipótese que mais nos parece adequada é a da possessão física: o seu Espírito teria se afastado momentaneamente do corpo, mantendo, na dimensão espiritual, sua lucidez, o que lhe permitiu, de algum modo, trazer à memória física o ocorrido.

Quanto à comunicação “*mente a mente*”, nossa conclusão é que, embora existam casos em que ela se aplica perfeitamente, há outros em que a incorporação física se apresenta como um fato concreto e real – não apenas como uma impressão subjetiva ou construção mental do médium.

A hipótese de que a mediunidade ocorra exclusivamente pela ligação “*mente a mente*” é factível

Julgamos que Allan Kardec não entrou em detalhes a respeito desse processo; contudo, em algumas situações, é possível perceber que há espaço para compreender a possibilidade de ocorrência da possessão, pela qual o desencarnado exerce um domínio corporal. Citaremos, a seguir, certos pontos abordados por ele para melhor compreensão do assunto.

Observamos que a crença predominante no meio espírita é a de que, excetuados os fenômenos de efeitos físicos, os demais ocorreriam por meio da conexão “*mente a mente*”. Ou seja, todos os fenômenos mediúnicos classificados como de efeitos inteligentes teriam como base a transmissão de pensamento entre o Espírito e o médium, que se torna seu veículo ou instrumento de comunicação.

Como vimos, possivelmente, a principal fonte

dessa crença seja o teor da resposta à questão 9-a do item 223 de *O Livro dos Médiuns*, capítulo “XIX – O papel dos médiuns nas comunicações espíritas”, na qual destacamos este trecho: “*É, pois, o Espírito do médium que, mesmo sem o saber, recebe e transmite o pensamento*” (34).

A resposta deixa claro que, em todos os fenômenos mediúnicos, a base é a comunicação “*mente a mente*”. Contudo, é importante considerar que, à época, ainda prevalecia a ideia de que não havia posse física de um Espírito desencarnado sobre o corpo de um encarnado – aspecto que não deve ser ignorado, sob risco de perpetuar conceitos equivocados.

No item 5 do capítulo “I – Há Espíritos?”, de **O Livro dos Médiuns**, encontramos diversas explicações que nos auxiliam na compreensão do tema.

Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar ideias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o

Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? **Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento,** do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido? ⁽³⁵⁾

A utilização do corpo físico de um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado parece-nos ser, ainda que de forma não muito explícita, uma possibilidade abordada nessa transcrição.

Mais à frente, no item 51 do capítulo “IV – Sistemas”, também de **O Livro dos Médiuns**, encontramos uma fala de Lamennais (Espírito), da

qual destacamos o seguinte trecho:

[...] O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, **quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma**; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações. ⁽³⁶⁾

Nesse trecho, identificamos três aspectos distintos pelos quais ocorre o fenômeno da manifestação espiritual, tendo o perispírito como base fundamental do mecanismo:

1º) pelo corpo

2º) pelo perispírito

3º) pelo Espírito

Segundo nossa interpretação, essas formas corresponderiam, respectivamente, à **incorporação completa**, ao **envolvimento parcial de algum membro do corpo** e à chamada **comunicação “mente a mente”**.

No item 34 do tópico “§ - Dos médiuns”,

capítulo “Manifestações dos Espíritos” de **Obras Póstumas**, lemos:

O fluido perispirítico é o agente de todos os fenômenos espíritas, que só se podem produzir pela **ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito**. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansiva do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos; depende, portanto, do organismo e pode ser desenvolvida quando exista o princípio; não pode, porém, ser adquirida quando o princípio não exista. [...]. ⁽³⁷⁾

É preciso atenção especial a essa explicação, pois ela abarca duas situações distintas em que o fluido perispirítico deve ser entendido como base do fenômeno.

1ª) **Sintonia fluídica**, presente na maioria dos fenômenos mediúnicos;

2ª) **Os fenômenos de efeitos físicos** – como as materializações – nos quais o fluido exteriorizado sob forma de ectoplasma.

Apenas para reforçar: na segunda situação, **jamais ocorre comunicação de “mente a mente”**, pois o fenômeno se dá por manipulação direta da matéria, e não por transmissão de pensamento.

Do capítulo “XII – Pneumatologia ou escrita direta. Pneumatofonia”, item 146 de **O Livro dos Médiuns**, ressaltamos

A pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da psicografia por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium. (38) (itálico do original)

Observamos que, ao abordar a particularidade da **transmissão do pensamento** do Espírito na psicografia, Allan Kardec nos permite compreender que, ao menos nesse tipo de fenômeno, admite-se a ocorrência de uma **ligação mental entre o encarnado e o desencarnado**.

Essa poderia ser, inclusive, a justificativa apresentada por muitos para sustentar a ideia de

que a fenomenologia mediúnica tem como base esse mecanismo – ou seja, de que a **conexão “mente a mente”** seria o fator determinante de sua produção.

Encontramos mais uma situação em que, em nossa opinião, **não há interferência mental do médium**. É interessante a explicação que Allan Kardec apresenta na **Revista Espírita 1858**, mês de janeiro, sobre esse fenômeno:

Os Espíritos transmitem, algumas vezes, certas comunicações escritas sem intermediário direto. Os caracteres, nesse caso, são traçados espontaneamente por uma força extra-humana, visível ou invisível. Como é útil que cada coisa tenha um nome, a fim de se poder entender, daremos a esse modo de comunicação escrita o de *espiritografia* ou para distingui-la da *psicografia* ou escrita obtida por um médium. A diferença, entre esses dois nomes é fácil de se compreender. **Na psicografia, a alma do médium, desempenha, necessariamente, um certo papel, ao menos como intermediário, ao passo que na espiritografia é o Espírito que age diretamente, por si mesmo.** ⁽³⁹⁾

Não conseguimos descobrir por qual motivo o Codificador, em vez de manter o termo *espiritografia*, passou a utilizar *pneumatografia* para designar o fenômeno da escrita direta, pois nada disse sobre essa mudança.

Em **O Livro dos Médiuns**, Allan Kardec explica:

a) Capítulo “XII – Psicografia”, item 157.

Chamamos *psicografia indireta* à escrita assim obtida, em contraposição à *psicografia direta* ou *manual*, obtida pelo próprio médium. Para se compreender este último processo, é preciso levar em conta o que se passa na operação. **O Espírito comunicante atua sobre o médium que, debaixo dessa influência, move maquinalmente o braço e a mão para escrever**, sem ter – pelo menos é o caso mais comum – a menor consciência do que escreve. A mão atua sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. [...]. ⁽⁴⁰⁾ (itálico do original)

b) Capítulo “XV – Médiuns escreventes ou psicógrafos”, item 179:

Quem examinar certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta ou da prancheta que escreve não

poderá duvidar de **uma ação exercida diretamente pelo Espírito sobre esses objetos**. [...] **O Espírito pode, pois, exprimir diretamente suas ideias**, quer movimentando um objeto a que a mão do médium serve de simples ponto de apoio, quer acionando a própria mão.

Quando o Espírito atua diretamente sobre a mão, ele lhe dá uma impulsão completamente independente da vontade deste último. Enquanto **o Espírito tiver alguma coisa a dizer, a mão se move sem interrupção e à revelia do médium**, o que caracteriza o fenômeno como mediúnico.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que **o médium não tem a menor consciência do que escreve**. [...].
(⁴¹)

Parece-nos que, nesse caso, o fenômeno se dá de forma distinta da anterior, pois Allan Kardec não menciona a transmissão de pensamento, mas sim a atuação direta do Espírito, que leva o médium – sob sua influência – a escrever. Não estaria, aqui, evidenciada uma ação direta do Espírito comunicante sobre o braço do médium?

Se for assim, o fenômeno não se enquadraria,

segundo entendemos, na comunicação “*mente a mente*” – especialmente da forma como essa é geralmente entendida.

De **O Livro dos Médiuns**, capítulo “XIV – Médiuns”, item 166, transcrevemos:

Os médiuns audientes, os que apenas transmitem o que ouvem, não são, a bem dizer, **médiuns falantes**. Estes últimos, na maior parte das vezes, nada ouvem. **Neles o Espírito atua sobre os órgãos da palavra**, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Quando quer comunicar-se, **o Espírito se serve dos órgãos mais flexíveis que encontra no médium**. De um, utiliza a mão; de outro, a palavra; de um terceiro, os ouvidos. **O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais**, aos seus conhecimentos e, até mesmo, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente se lembra do que disse. Em suma, nele a palavra é um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma terceira pessoa pode comunicar-se, como o faz com o auxílio de um médium audiente. ⁽⁴²⁾ (itálico do original)

Ao descrever as características do médium falante, Allan Kardec indica que elas decorrem de uma atuação direta do Espírito comunicante sobre os órgãos da fala, de forma semelhante àquela que citamos anteriormente.

Dessa forma, acreditamos que o modelo “*mente a mente*” não prevalece como única base explicativa para o fenômeno, embora não haja dúvida de que uma mente – a do Espírito comunicante – esteja na origem da manifestação mediúnica.

Em **O Livro dos Médiuns**, capítulo “XV – Médiuns escreventes e psicógrafos”, no item 180, lê-se:

A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, já que designamos por esse nome o Espírito encarnado. **O Espírito comunicante não atua sobre a mão para fazê-la escrever**; não a toma, nem a guia. **Atua sobre a alma, com a qual se identifica**. A alma do médium, sob esse impulso, dirige sua mão e a mão dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: **o Espírito comunicante não substitui a**

alma do médium, visto que não poderia deslocá-la; domina-a, à revelia dela, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é inteiramente passivo; é ela quem recebe o pensamento do Espírito comunicante e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama *médium intuitivo*. ⁽⁴³⁾ (itálico do original)

No caso dos médiuns intuitivos, Allan Kardec esclarece que a ação do Espírito ocorre sobre a alma do médium, e não diretamente sobre a mão. Assim, entendemos que, nessa modalidade, aplica-se o modelo de comunicação “*mente a mente*” como base do fenômeno. Contudo, também aqui fica evidente que esse mecanismo não é universal, como já destacamos.

Vejamos a seguinte nota de Allan Kardec relativa aos médiuns pneumatógrafos citados no item 189, do capítulo “XVI – Médiuns especiais” de ***O Livro dos Médiuns***:

Os Espíritos insistiram, contra a nossa

opinião, em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que: “Os efeitos inteligentes são aqueles para cuja produção **o Espírito se serve dos materiais existentes no cérebro do médium**, o que não é o caso da escrita direta. A ação do médium é aqui toda material, ao passo que no **médium escrevente, ainda que completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo**”.

(⁴⁴)

Talvez se possa extrair daqui a ideia de que, nos fenômenos classificados como de efeitos inteligentes, o cérebro do médium está sempre envolvido.

No entanto, isso não significa que todos esses fenômenos se baseiam exclusivamente na ligação “*mente a mente*”, como se esse fosse o único mecanismo possível de manifestação mediúnica.

Entretanto, encontramos registrado em um trecho de “Impressões gerais”, da obra **Viagem Espírita em 1862**, uma observação que nos parece contrariar a tese de que “*no médium escrevente, ainda que completamente mecânico, o cérebro*

desempenha sempre um papel ativo”:

[...] Em Saint-Jean d'Angély vimos **um médium mecânico** que podemos considerar excepcional. Trata-se de **uma senhora que redige longas e formosas comunicações enquanto lê o jornal ou conversa com os presentes**, e isto sem nunca olhar para sua própria mão. Sucede muitas vezes que, distraída, não se apercebe de que a comunicação chegou ao fim. [...]. ⁽⁴⁵⁾

No presente caso, talvez o médium não seria mecânico, mas agisse por uma “incorporação parcial” – do braço ou somente da mão – pelo fato de manter-se consciente quando da manifestação do Espírito.

Ao tratar da mediunidade de forma ampla, a questão torna-se complexa, especialmente diante da seguinte afirmação, constante do item 223, do capítulo “XIX – O papel dos médiuns nas comunicações espíritas” de **O Livro dos Médiuns**:

6. O Espírito comunicante transmite diretamente o seu pensamento, ou este tem

por intermediário o Espírito encarnado no médium?

“O Espírito do médium é o intérprete porque está ligado ao corpo que serve para falar, e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para transmitir uma notícia a grande distância, desde que haja, na extremidade do fio, **uma pessoa inteligente que a receba e transmita.**”
(⁴⁶) (itálico do original)

Com base na resposta dos Espíritos, a fenomenologia mediúnica apresenta-se, em linhas gerais, como um meio pelo qual o Espírito comunicante transmite seu pensamento, tendo o médium como intérprete.

Tal compreensão permite concluir que, nesse caso, aplica-se o conceito de *“mente a mente”* – embora essa explicação nos pareça entrar em conflito com outras situações analisadas anteriormente, nas quais há evidências de atuação direta sobre o corpo do médium.

Podemos citar, como exemplo de explicações conflitantes, o item 71 do capítulo “III –

Manifestações inteligentes”, da segunda parte de **O Livro dos Médiuns**, no qual se lê:

A escrita era tão fluente, tão rápida e tão fácil como a obtida com a mão. Mais tarde, porém, reconheceu-se que todos aqueles objetos não passavam, afinal, de meros apêndices, de verdadeiras lapiseiras, perfeitamente dispensáveis, bastando ao médium segurar o lápis com sua própria mão. Tomada de um movimento involuntário, a mão escrevia sob o impulso que **o Espírito lhe transmitia, sem o concurso da vontade nem do pensamento do médium.** [...]. ⁽⁴⁷⁾

A afirmativa de que o médium “*escrevia sob a influência do Espírito, sem o concurso da vontade ou do pensamento daquele*” nos leva a concluir que, em determinadas situações – é importante frisar – o Espírito pode utilizar diretamente algum órgão do médium para transmitir seu pensamento, sem qualquer interferência mental deste. Nesse contexto, portanto, a crença na comunicação “*mente a mente*” revela-se insustentável.

No tópico “O Espiritismo não faz milagres” do

capítulo “XIII – Características dos milagres” de **A Gênese**, lemos.

Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado. Como Espírito e na medida de suas capacidades, faz o que fazia como homem; apenas, por já não ter o corpo carnal para instrumento, **serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado**, que vem a ser o a que se chama *médium*. Procede então como um que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, recorre a um intérprete. O secretário e o intérprete são os *médiuns* de um encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito. ⁽⁴⁸⁾ (itálico do original)

Nessas duas condições – encarnado ou desencarnado – a atuação do Espírito sobre a matéria, especialmente sobre o corpo físico, parecem-nos abrir espaço para a possibilidade de uma incorporação, no sentido exato do termo, tal como sugerem diversos trechos da Codificação.

Recorremos ainda à obra **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, tópico “Manifestações físicas. Mediunidade”, item 41, do qual transcrevemos:

É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; é ainda por intermédio desse mesmo fluido que ele se manifesta; ao atuar sobre a matéria inerte, produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente, se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que **o Espírito** faz que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. **Como já não dispõem de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, fazendo que atue como se fora seu próprio corpo,** mediante o eflúvio fluídico que derrama sobre ele. ⁽⁴⁹⁾

Temos aqui um complemento à explicação anterior, que torna ainda mais clara a questão do

uso do corpo físico do encarnado por um Espírito no processo de comunicação.

A atuação mediúnica, nesse contexto, não se limita à transmissão mental, mas envolve uma interação fluídica direta, em que o perispírito do Espírito comunicante age sobre os órgãos do médium, como se fossem seus próprios. Isso reforça a possibilidade da incorporação, entendida em seu sentido técnico e espiritual, como uma forma legítima de manifestação inteligente.

Quem tiver a oportunidade de visitar certos terreiros de Umbanda poderá observar que alguns médiuns, completamente “tomados” por um Espírito, chegam a ingerir uma garrafa de cachaça (marafa), sem que isso provoque qualquer alteração perceptível em seu corpo. Após o término do transe e a “saída” do Espírito comunicante, o médium retorna ao estado normal, como se nada tivesse consumido.

Será que tal fenômeno ocorreria se o intercâmbio espiritual se desse, como acreditam muitos, exclusivamente por meio da ligação “*mente*

a mente”?

Nossa hipótese é que, por estar o Espírito desencarnado acoplado ao corpo físico do médium, ao se desligar, ele leva consigo – possivelmente impregnadas em seu perispírito – as energias provenientes da substância ingerida.

Presumimos que o mesmo se aplique ao uso do fumo, também frequente em rituais de incorporação.

Classificação dos fenômenos mediúnicos

Em **O Livro dos Médiuns**, capítulo “XVI – Médiuns especiais”, no tópico “Quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns”, no item 187, lemos:

187. Podem dividir-se os médiuns em duas grandes categorias:

Médiuns de efeitos físicos – Os que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas. (Item 160.)

Médiuns de efeitos intelectuais – Os que são mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes. (Item 65 e seguintes.)

Todas as outras variedades se prendem mais ou menos a uma ou outra dessas duas categorias; algumas participam de ambas. **Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência mediúnica, veremos que, em todos, há um efeito físico, e que aos efeitos físicos se associa quase sempre um efeito inteligente.** Algumas vezes é difícil

determinar o limite entre os dois, mas isso não apresenta nenhuma consequência. Incluímos sob a denominação de *médiuns de efeitos intelectuais* os que podem, mais particularmente, servir de intermediários para as comunicações regulares e contínuas. (Item 133.) ⁽⁵⁰⁾ (itálico do original)

Julgam os que para o entendimento mais realista do papel do médium, é oportuno dividir os fenômenos mediúnicos em três grandes grupos:

a) Fenômenos de efeitos inteligentes

Nesses casos, o Espírito comunicante transmite seu pensamento ao médium, que o capta e o expressa por meio da fala, escrita ou percepção sensorial. O médium pode ser consciente (intuitivo), semiconsciente (semimecânico) ou inconsciente (mecânico), mas há sempre uma transmissão de pensamento. Como exemplo, podemos citar a psicografia e a psicofonia. Aqui, a fórmula “recebe e transmite” se aplica plenamente.

b) Fenômenos de efeitos físicos

Essa ocorrência envolve a ação direta do Espírito sobre a matéria, utilizando o fluido vital do

médium - posteriormente conhecido como ectoplasma. Nesse caso, o médium não recebe nem transmite pensamentos; ele apenas cede energia fluídica para que o Espírito possa agir por si só, por assim dizer. Exemplos: Mesas girantes ou falantes, transportes, levitação, pancadas e ruídos, entre outros.

No caso das mesas falantes, o Espírito imprime movimentos ao objeto, indicando as letras que servem para expressar suas respostas, sem que o médium tenha participação intelectual.

A comunicação não ocorre diretamente entre o Espírito e o objeto, mas sim por meio da movimentação que o Espírito realiza sobre ele, utilizando o fluido vital cedido pelo médium, que atua apenas como doador fluídico. Vê-se, portanto, que a fórmula “recebe e transmite” não se aplica a essa categoria de manifestações.

c) Possessão

Nesse tipo de fenômeno, que também podemos designar como incorporação, o Espírito desencarnado toma temporariamente o corpo do

médium, utilizando-se de seus órgãos físicos para se manifestar. O médium não transmite pensamentos; ele – embora isso cause estranheza a alguns – cede o seu corpo para que o Espírito comunicante fale, escreva, desenhe, gesticule e se movimente.

Anteriormente, conforme registrado em *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIII – Obsessões, Allan Kardec a tratou como subjugação corporal, sem que o Espírito “entrasse” no corpo do médium ⁽⁵¹⁾. Entretanto, diante dos fatos – os possessos de Morzine e o caso da Srta. Julie – ele se rendeu, passando a aceitar essa hipótese.

Essa nova posição está registrada em *A Gênese*, capítulo “XIV – Os fluidos” ⁽⁵²⁾, infelizmente, desconhecida pela maioria dos adeptos do Espiritismo, que não estudaram essa obra com a profundidade necessária ou que, sem justificativa lógica não a consideraram como “doutrinária”.

Certamente, aqui o médium não transmite pensamento – ele é o próprio veículo direto da ação espiritual.

Pode até ser que estejamos enganados, mas, a

nosso ver, os médiuns mecânicos agem por incorporação. Nosso entendimento baseia-se especialmente no item 179 do capítulo “V – Médiuns escreventes ou psicógrafos”, tópico “Médiuns mecânicos”, da segunda parte de *O Livro dos Médiuns*, que já anteriormente citado. Nele se afirma que “*enquanto o Espírito tiver alguma coisa a dizer, a mão se move sem interrupção à revelia do médium*” e que “*o médium não tem a menor consciência do que escreve*” (53). Diante disso, é difícil sustentar a tese de que toda comunicação mediúnica se dá “*mente a mente*”.

Também seriam considerados incorporados os médiuns que conseguem reproduzir a caligrafia que o Espírito manifestante possuía em vida. Aliás, podemos ir além ao afirmar que todos os médiuns chamados inconscientes agem dessa forma.

O papel do ectoplasma

Embora Allan Kardec não tenha se utilizado do termo “*ectoplasma*”, mas sim “*fluido vital*”, estudiosos posteriores como Ernesto Bozzano (1862-1943) e Charles Richet (1850-1935) aprofundaram esse conceito – sendo a criação do termo atribuída a esse último.

O ectoplasma é uma substância semimaterial, extraída do corpo do médium, que permite ao Espírito agir sobre o plano físico – embora não saibamos como isso ocorre.

O que se sabe é que, nos fenômenos de efeitos físicos, o médium atua como doador de ectoplasma, podendo a sua mente estar completamente alheia ao conteúdo da manifestação. Isso reforça a ausência de transmissão intelectual, caracterizando apenas uma doação energética.

Não podemos deixar de mencionar o fato de que o Codificador tratou o perispírito como sendo o

fluido vital, conforme se poderá verificar em diversos trechos que transcrevemos do capítulo “IV – Teoria das manifestações físicas”, da segunda parte de *O Livro dos Médiuns*.

No livro ***Materializações Luminosas: Leis Cósmicas em Ação*** (2001), autoria de Dante Labbate (1928-2006), encontramos esta imagem (⁵⁴):



Deitado na cama, certamente em sono profundo, vemos o médium Francisco Peixoto Lins

(1905-1966), mais conhecido como Peixotinho, doando ectoplasma para a materialização do Espírito Ana – fato ocorrido em 16 de setembro de 1953 ⁽⁵⁵⁾.

Observando atentamente, percebe-se que o ectoplasma está saindo pela boca do médium (ver círculo em vermelho) e formando uma coluna à direita. O Espírito Ana molda essa concentração de ectoplasma à sua aparência de quando estava encarnada.

Por meio da médium norte-americana Ethel Post Parrish (?-1960), materializou-se o Espírito Silver Belle. Vejamos a seguinte série de fotos, tiradas pelo fotógrafo Jack Edwards ⁽⁵⁶⁾ e publicadas no site ***Gifts of The Spirit***



Center, que registram o processo da materialização de Silver Belle, ocorrido em 1953, no acampamento denominado Camp Silver Belle, em Ephrata, Pensilvânia, no nordeste dos Estados Unidos:



O ectoplasma branco e esfumaçado está sendo desenhado do meio, sentado dentro do gabinete.



O Pilar de Nuvem proveniente do corpo do médium se forma do solo para cima.



Este tipo de fenômeno é exemplificado por Moisés falando com Deus face-a-face em Êxodo 33:7-11.



Mais dos traços de Silver Belle são formados na coluna de ectoplasma



A totalmente formada Silver Belle agora está falando com as pessoas que assistem à sessão espírita.



Silver Belle está prestes a se desmaterializar. Ela levanta as mãos para abençoar os participantes antes de partir.

No capítulo “III – O inabitual no mundo material”, da obra **A Grande Esperança** (1933), o autor Charles Richet, prêmio Nobel de Fisiologia em 1913, esclarece que:

O ectoplasma, isto é, a projeção de uma força para além do corpo do médium, tem, pois, uma **primeira fase** de invisibilidade, uma **segunda fase**, durante a qual ele aparece como um vapor ou um fio fluídico que é quando começa a ser visível, uma **terceira fase** durante a qual ele é tangível, visível, algumas vezes claramente, mas a maior parte das vezes informe. Veremos, num capítulo ulterior, que essa forma pode tomar as aparências e quase a realidade de um ser vivo (**quarta fase**). ⁽⁵⁷⁾

Eis, de forma simplificada, o processo de desenvolvimento dos fenômenos de materializações. Por tratar-se de um fenômeno pouco conhecido ou raramente presenciado na atualidade por muitos confrades, essa foi a razão pela qual decidimos apresentá-lo.

Conclusão

A realidade que enfrentamos está expressa nos trechos a seguir, extraídos dos itens 50 e 60, do capítulo “I – Caráter da revelação espírita”, de **A Gênese**:

*[...] Os Espíritos só ensinam o que é preciso para guiar o homem no caminho da verdade, mas se abstêm de revelar o que ele pode descobrir por si mesmo, **deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao crivo da razão**, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. [...]. ⁽⁵⁸⁾ (itálico do original)*

Os Espíritos não se manifestam para libertar o homem do estudo e das pesquisas, nem para lhe transmitirem uma ciência pronta. **Com relação ao que o homem pode descobrir por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças.** [...] ⁽⁵⁹⁾

Podemos, perfeitamente, acrescentar esta

outra fala de Allan Kardec, constante do tópico “Diversidade dos Espíritos” do capítulo I da obra **O Que é o Espiritismo**:

Os Espíritos não estão encarregados de trazer-nos a ciência já feita; seria, realmente, muito cômodo se nos bastasse pedir para sermos logo servidos, **ficando assim dispensados do trabalho de estudar.** ⁽⁶⁰⁾

É evidente, portanto, que os Espíritos não têm por missão de revelar tudo, cabendo a nós o estudo e análise dos fatos, para extrair os elementos capazes de explicá-los.

Ademais, todo estudioso se depara com a indiscutível realidade de que a mediunidade é um campo vasto e multifacetado. A expressão “*o médium recebe e transmite*” é válida para muitos tipos de comunicação espiritual, mas não se aplica indiscriminadamente a todos os fenômenos mediúnicos.

Nos fenômenos de efeitos físicos e nos casos de possessão, o medianeiro atua como doador de

fluido ou cedendo o seu veículo corporal, respectivamente, sem participação intelectual ou consciente.

Compreender essas diferenças é essencial para evitar interpretações simplistas e para valorizar o papel do médium com responsabilidade e discernimento. O estudo sério da mediunidade exige atenção aos mecanismos específicos de cada tipo de fenômeno – e é isso que torna o Espiritismo uma doutrina profundamente racional e científica.

Não podemos deixar de lembrar que não se deve confiar cegamente no que dizem os destaques do movimento espírita – nem mesmo no que afirmam os próprios Espíritos.

Em síntese, embora o modelo de comunicação *“mente a mente”* seja amplamente reconhecido e aplicável a diversos tipos de manifestações mediúnicas – especialmente nos casos intuitivos – ele não representa uma explicação universal para todos os fenômenos. A análise dos textos da Codificação Espírita, aliada à observação criteriosa dos fenômenos, revela que há situações em que o

Espírito comunicante atua diretamente sobre o corpo do médium, seja por meio da fala, da escrita ou de outras formas de expressão, sem qualquer mediação consciente ou intelectual.

Os fenômenos de efeitos físicos, como a escrita direta, evidenciam que a ação espiritual pode ocorrer sem qualquer participação da mente do médium, reforçando a diversidade dos mecanismos de comunicação entre os dois planos da vida.

Reduzir toda a manifestação espiritual à conexão mental é desconsiderar a complexidade do intercâmbio fluídico e psíquico que se estabelece entre encarnados e desencarnados. Reconhecer essa multiplicidade é essencial para evitar reducionismos e manter viva a proposta kardeciana de investigação racional, comparativa e universal. Que possamos, portanto, seguir estudando com humildade, discernimento e abertura, certos de que o progresso do conhecimento espírita se dá pela razão, pela experiência e pela fidelidade à verdade.

Por ser bastante oportuna, trazemos, da obra ***O Céu e o Inferno***, primeira parte, capítulo “I – O

porvir e o nada”, item 8, a seguinte frase de Allan Kardec:

Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira senão com a condição de satisfazer a razão e **dar conta de todos os fatos que abrange**. Se um único fato lhe trouxer um desmentido, é que não contém a verdade absoluta. ⁽⁶¹⁾

Consideramos que o teor dessa transcrição se aplica de maneira pertinente à discussão sobre a questão de a mediunidade estar alicerçada exclusivamente na comunicação *“mente a mente”*, que terminamos de analisar.

Com o intuito de atestar a validade de nossa perspectiva – pois primamos por nos manter no caminho certo – submetemos o presente ebook à apreciação dos amigos Artur Felipe Ferreira, Ary Vilela, Francisco Rebouças, Júlio César Moreira da Silva, Shirley de Siqueira e Thiago Toscano Ferrari, os quais gentilmente retornaram com parecer positivo.

Referências bibliográficas

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada.
São Paulo: Paulus, 2002.

ANDRADE, H. G. ***Espírito, Perispírito e Alma***. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

BOZZANO, E. ***A Morte e os Seus Mistérios***. Rio de Janeiro: Editora Eco, s/d.

CHAMPLIN, R. N. ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1***. São Paulo: Hagnos, 2005.

DE ROCHAS, E. A. ***As Vidas Sucessivas***. Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2002.

DELANNE, G. ***O Fenômeno Espírita***. Rio de Janeiro: FEB, 1977.

DENIS, L. ***Cristianismo e Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: CELD, 2000.

DENIS, L. ***Espíritos e Médiuns***. Rio de Janeiro: CELD, 2011.

DENIS, L. ***Joana D'Arc***. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

DENIS, L. ***No Invisível***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. ***Síntese Doutrinária e Prática do Espiritismo***. Juiz de Fora (MG): Instituto Maria, s/d.

- FINDLAY, J. A. **No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada**. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- IORE, E. **Possessão Espiritual**. São Paulo: Pensamento, 1990.
- FREIRE, A. J. **Da Alma Humana**. 2ª edição. Rio de Janeiro: FEB, s/d.
- GELEY, G. **Resumo da Doutrina Espírita**. São Paulo: Lake, 2009.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.
- KARDEC, A. **Viagem Espírita em 1862**. Matão (SP): O Clarim, 2000.

- LABBATE, D. **Materializações Luminosas: Leis Cósmicas em Ação**. Belo Horizonte: Fonte Viva, 2002.
- LOMBROSO, C. **Hipnotismo e Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- MYERS, F. W. H. **A Personalidade Humana**. São Paulo: Edigraf, s/d.
- PERALVA, M. **Estudando a Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- RICHET, C. **A Grande Esperança**. São Paulo: Lake, 1999.
- SCHUTEL, C. **Médiuns e Mediunidades**. Matão (SP): O Clarim, 1984.
- XAVIER, F. C. **Nos Domínios da Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Imagens

Endemoniado geraseno, disponível em:

<http://4.bp.blogspot.com/-aL6GKschjs4/TeEdIWGsX8I/AAAAAQI4/vYoe7yy9rgI/s1600/endemoniado.jpg>. Acesso em: 12 out. 2025.

GIFTS OF THE SPIRIT CENTER, *Materialização de Silver Belle*, disponível em: <https://gotsc.org/what-is-precipitated-art-copy-copy-copy-3/>. Acesso em: 14 out. 2025.

Mente a mente:

<http://diasmind.com.br/wp-content/uploads/2016/01/telapatia.jpg>. Acesso em: 15 mai. 2018.

Produzido pela mente:

https://cdnimages1.medium.com/max/605/1*8LybmBBDeewjV51T2ANbA.png. Acesso em: 15 mai. 2018.

Psicofonia consciente (imagem), extraída da obra
Estudando a Mediunidade, autoria de Martins Peralva.

Internet

PORTAL DO ESPÍRITO, *Possessão*, disponível em:
<http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-004.html>. Acesso em: 23 jun. 2008 (não mais disponível ☹)

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>. Acesso em: 13 out. 2025.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 16) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 17) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 18) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 19) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 20) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 21) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 22) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 23) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 24) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 25) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 26) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 27) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 28) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 29) Haveria Fetos Sem Espírito?; 30) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; 31) Herculano Pires Diante da Revista Espírita; 32) Allan Kardec: sua mediunidade e os fenômenos que protagonizou e 33) A pesquisa de Ernesto Bozzano confirma e complementa a Codificação Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*, p. 227.
- 2 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 180.
- 3 Imagem extraída do capítulo “Incorporação” da obra *Estudando a Mediunidade*, de autoria do escritor Martins Peralva (1918-2007), p. 55.
- 4 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 15 e 18.
- 5 Produzido pela mente: https://cdn-images-1.medium.com/max/605/1*8Lyb-mBBDeewjV51T2ANbA.png e Mente a mente: <http://diasmind.com.br/wp-content/uploads/2016/01/telepatia.jpg>.
- 6 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 49.
- 7 Endemoniado geraseno, disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-aL6GKschJs4/TeEdIWGsX8I/AAAAAAQI4/vYoe7yy9rgI/s1600/endemoniado.jpg>
- 8 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1802-1803.
- 9 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Vol. 1*, p. 694-695.
- 10 Na tradução consta “os possessos”, mas no contexto do artigo o correto é “as possessas”, o que justifica a informação de ter apenas “um único jovem”.
- 11 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 227.
- 12 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 6.
- 13 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 173.
- 14 PORTAL DO ESPÍRITO, Possessão, disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-004.html>.
- 15 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>
- 16 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 76-80.
- 17 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 82-83.
- 18 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 83.

- 19 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 99-100.
- 20 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 156.
- 21 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 228.
- 22 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 315-316;
- 23 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 48-49.
- 24 KARDEC, *A Gênese*, p. 309-310.
- 25 DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 105.
- 26 DENIS, *No Invisível*, p. 249.
- 27 SCHUTEL, *Médiuns e Mediunidades*, p. 37.
- 28 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 85-86.
- 29 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 157-158.
- 30 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 260-277 – *passim*.
- 31 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 69-74.
- 32 DENIS, *No Invisível*, p. 252-254.
- 33 FIORE, *Possessão Espiritual*, p. 15.
- 34 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 227.
- 35 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 24-25.
- 36 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 57.
- 37 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 63.
- 38 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 159.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 9-10.
- 40 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 167.
- 41 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 183-184.
- 42 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 174-175.
- 43 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 184.
- 44 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 193-194.

- 45 KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 29.
- 46 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 226-227.
- 47 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. III, item 71, p. 73.
- 48 KARDEC, *A Gênese*, p. 223.
- 49 KARDEC, *A Gênese*, p. 255-256.
- 50 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 191-192.
- 51 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 261-262
- 52 KARDEC, *A Gênese*, itens 45 a 49, p. 258-261.
- 53 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 184.
- 54 LABBATE, *Materializações Luminosas: Leis Cósmicas em Ação*, p. 150.
- 55 LABBATE, *Materializações Luminosas: Leis Cósmicas em Ação*, p. 151.
- 56 GIFTS OF THE SPIRIT CENTER, *Materialização de Silver Belle*, disponível em: <https://gotsc.org/what-is-precipitated-art-copy-copy-copy-3/>
- 57 RICHET, *A Grande Esperança*, p. 144.
- 58 KARDEC, *A Gênese*, p. 35.
- 59 KARDEC, *A Gênese*, p. 43.
- 60 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 108.
- 61 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, primeira parte, cap. I, item 8, p. 21.